

Empresário ajuda a campanha

por Ana Cecília Americano
de São Paulo

O empresário José Eduardo de Andrade Vieira, presidente do grupo Bamerindus, confirma estar ajudando Collor de Mello em sua campanha através de amigos seus em Curitiba que solicitam o empréstimo de aviõezinhos de sua propriedade, além de prestar outros pequenos favores aos diretórios da cidade.

No entanto, Vieira resalta que cedeu, mediante um aluguel, outro avião para José Richa, para ser utilizado na campanha do candidato do PSDB, Mário Covas. "Democracia é is-

so", diz ele, referindo-se à convivência amistosa entre ele e o senador pessedebista.

Homenageado na Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil (ADVB) como o "Homem de Vendas" do ano, Vieira afirma não temer uma possível vitória de Luiz Inácio Lula da Silva no segundo turno das eleições. Mas considera "no mínimo burra" a proposta do candidato de estatizar o sistema financeiro. Para ele, o fato de o sistema financeiro brasileiro contar com bancos privados nacionais e estrangeiros, bem como estatais federais e estaduais, confere

ao setor uma dinâmica e criatividade muito grande, além de uma natural competitividade, que teriam contribuído para que a inflação não alcançasse os mesmos patamares atingidos na Argentina em junho passado.

O presidente do grupo financeiro nega que tenha sido convidado a qualquer cargo num possível ministério de Collor e questiona alguns pontos do programa econômico do candidato, que privilegiaria o combate à inflação em detrimento do crescimento sustentado da economia. "Não podemos adotar um plano contra a inflação que seja recessivo. O trabalhador bra-

sileiro já não suporta mais a recessão", afirma.

Para ele, está claro que não seria possível ao futuro presidente aumentos salariais nos primeiros anos. Mas, a seu ver, o ajuste econômico deveria ser pago "pelos ricos". E isso quer dizer corte a subsídios e incentivos, moralização da arrecadação e austeridade em gastos.

Por fim, como último ingrediente de sua receita para este bolo, Vieira recomenda a redução de impostos. "Quando são altos, ninguém quer pagar. Ao passo que, quando são menores, a sonegação diminui e a receita do governo aumenta", finaliza.